

OLHARES CONTEMPORÂNEOS SOBRE AS IRMANDADES DE PENITENTES DO CARIRI CEARENSE

Cícero da Silva Oliveira*

INTRODUÇÃO

Levando em consideração que os primeiros olhares lançados sobre as irmandades de penitentes do Cariri cearense datam do século XIX, período no qual os ritos penitenciais têm inaugurada sua trajetória no sul do atual estado do Ceará, e que tais olhares indicavam um projeto de modernidade e civilização regional de acordo com modelos mais amplos (nacionais e internacionais), este artigo reflete sobre os olhares contemporâneos sobre tais irmandades.

Foram selecionados três resultados de pesquisas acadêmicas de três disciplinas distintas para essa reflexão. A Sociologia, a Antropologia e a História possuem pontos convergentes de ordem conceitual e metodológica quando tratam das irmandades de penitentes do Cariri cearense, não obstante as especificidades disciplinares.

Percebemos que a etnografia dos grupos estudados e as entrevistas como técnica de pesquisa são pontos concordantes entre os estudos analisados neste artigo. Nesse sentido, a recente valorização das subjetividades e da História Oral como metodologia de pesquisa contribuiu para que estudos de grupos sociais como as irmandades de penitentes do Cariri cearense pudessem ser realizados transdisciplinarmente.

Guardadas as devidas peculiaridades de análise, se há certa desconfiança em relação “aos testemunhos em primeira pessoa”, característicos desses dias da “cultura da memória” e da “guinada subjetiva” conforme afirma SARLO (2007), ELMIR (2010) propõe a prática intertextual como solução crítica ao uso dos testemunhos de “quem vive as experiências por dentro” (mais especificamente da “literatura do testemunho”) por historiadores. Nesse sentido os trabalhos da socióloga CARVALHO (2011), da antropóloga CAMPOS (2008) e da historiadora BEZERRA (2010) atendem esse critério.

São três olhares contemporâneos que dialogam criticamente com textos religiosos (*Bíblia Sagrada*, *A Missão Abreviada*, *A Machadinha de Noé*), com fontes hemerográficas (por exemplo, *O Araripe* de João Brígido), da literatura (*Os Sertões* de Euclides da Cunha serve de referência para discussões), com leis de patrimônio cultural e com a produção cinematográfica recente sobre o Cariri cearense e seus penitentes. Dessa forma, textos citados pelos penitentes das irmandades pesquisadas são consultados e partir dessas referências são

* Mestrando em História pela Universidade Estadual do Ceará – UECE. Email: cg.cicerogarcia@gmail.com

percebidas *re*-apropriações e ressignificações feitas de tais textos pelos grupos, as construções e disputas mnemônicas de/sobre os penitentes do Cariri cearense e de que forma a penitência e o *ethos* da piedade e misericórdia transforma-se na identidade de Juazeiro do Norte.

“AS ESTRUTURAS RELIGIOSAS HOMÓLOGAS” DAS IRMANDADES DE PENITENTES DO TRIÂNGULO CRAJUBARⁱ

Sob o signo da fé e da mística: um estudo das irmandades de penitentes do Cariri cearense é a tese de doutoramento da socióloga Anna Christina Farias de Carvalho. O texto foi publicado recentemente em uma coleção comemorativa ao centenário de emancipação política do município de Juazeiro do Norte por conter resultados de pesquisa que privilegia duas irmandades de penitentes daquele município: Os Penitentes Peregrinos Públicos (Bairro Tiradentes) e os Penitentes da Dança de São Gonçalo costumeiramente associados às ladeiras do Horto. Além dessas duas Irmandades, são também pesquisados dois grupos do município de Barbalha: Irmandade da Cruz (Sítio Cabeceiras) e a Irmandade de Penitentes do Sítio Lagoa (CARVALHO, 2011).

Caracterizados muito superficialmente, a Irmandade de Penitentes Peregrinos Públicos (conhecidos e autodenominados por *Aves de Jesus*) vivem da mendicância e seus rituais religiosos estão atrelados a peregrinação por espaços sagrados da cidade de Juazeiro do Norte. A Roda de São Gonçalo reúne “trabalhadores” que praticam a dança votiva como meio de cumprir acordos entre o promesseiro e o Santo que atende as suas necessidades. As Irmandades de Penitentes dos Sítios Cabeceiras e Lagoa, ambos em Barbalha-CE, têm nos rituais de autoflagelação com pequenos chicotes contendo lâminas em uma das suas extremidades e/ou com o cilício uma marca associada à identidade coletiva dos grupos.

De imediato, somos confrontados por um olhar que agrupa um conjunto heterogêneo de sujeitos sob a denominação comum de penitentes e percebe em meio à diversidade “estruturas religiosas homólogas”. Mas, de onde surge essa classificação? Quais os resultados da sua adoção?

Perseguindo as ditas “estruturas religiosas homólogas”, a pesquisadora a partir dos relatos de membros dos quatro grupos estudados constata que todos denominam a si mesmos como “penitentes”. Dessa forma, o problema de agrupar em meio à pluralidade de crenças e práticas do catolicismo experimentado no Cariri cearense começa a ser resolvido.

Partindo dessa perspectiva, a autora constrói uma definição mais abrangente do termo “penitente”, não limitando-o aos estereótipos que vinculam ritos penitenciais unicamente ao autoflagelo em datas e com fins específicos (CARVALHO, 2011, p. 11-15),



Neste sentido, partindo das falas dos sujeitos que se autodenominam Penitentes, pudemos inferir o seguinte: penitentes são integrantes de Irmandades (de leigos não oficializadas) que se penitenciam com vistas à salvação individual e coletiva, autoinflingindo castigos corporais e/ou psicológicos (autoflagelação através de chicotadas, dança votiva, mendicância itinerante, longas caminhadas acompanhadas de orações e benditos, privações materiais, entre outras práticas rituais); obedecem a um líder espiritual (Mestre, Decurião); praticam um catolicismo devocional e são agentes de um campo religioso que professa uma determinada visão de mundo – a salvação pela mortificação corporal e/ou espiritual.

Em um aspecto, os relatos dos entrevistados revelaram cosmovisões peculiares a cada Irmandade. Entretanto, se por um lado as particularidades dos grupos puderam, dessa forma, ser identificadas, em outro sentido um núcleo comum de crenças e práticas entre as Irmandades pesquisadas se tornou visível. Ritos itinerantes, associações a grupos de leigos e o misticismo e o sacrifício corporal como forma de solucionar problemas cotidianos e o grande dilema da salvação individual e coletiva fazem parte das “estruturas religiosas homólogas” de que trata a pesquisa. O conceito de *catolicismo diferenciado* é elaborado a partir dessas constatações.

De forma sintética, os penitentes das Irmandades pesquisadas transitam nesse campo religioso *sob o signo da fé* em alguns dogmas essenciais do Catolicismo e da *mística* que funciona como um canal de re-apropriação dos “bens simbólicos da salvação”, ou seja, o declarado vínculo dos penitentes do Cariri cearense ao Catolicismo não implica em uma aceitação incontestável daquela ortodoxia religiosa. Dessa forma, eles declarados e determinada autonomia caracterizam o *catolicismo diferenciado* conforme conceituado por CARVALHO (2011, p. 16).

Ainda para a autora, crenças e práticas desvinculadas da ortodoxia católica estabelecem outro campo religioso de resistência às normas eclesiásticas oficiais e possuem pontos convergentes.

A adoção do conceito de “campo religioso”, segundo BOURDIEU (1998; 1999), como adequado às suas análises, pressupõe o reconhecimento de embates entre sacerdotes, na qualidade de “especialistas” de um saber religioso institucionalizado, e os leigos, no caso em questão penitentes, que desprovidos de capital religioso dependem significativamente de seus “profetas” (Mestres, Decuriões) para identificar, responder e divulgar os anseios coletivos. Nesse sentido, a socióloga interpreta a atuação das Irmandades de Penitentes no interior do campo religioso do Cariri cearense como uma forma de resistência “à matriz originária” de suas crenças e práticas, leia-se Catolicismo ortodoxo (CARVALHO, 2011, p. 16).

Pensando dessa maneira, as experiências cotidianas dos penitentes ganham relevância visto que ocorre um diálogo entre elas e as exigências da ortodoxia do Catolicismo. Se por um lado existe a preocupação com a salvação individual e coletiva, como quer a pesquisadora Anna Christina Farias de Carvalho, por outro não são desprezadas as necessidades mais urgentes. Assim, condutas religiosas e sociais com vistas às bem-aventuranças eternas convivem com rituais mágicos para re-estabelecimento da saúde de enfermos e/ou para que “um bom inverno” torne as lavouras produtivas, em um jogo homem/sagrado de tentativas incessantes com vistas ao suprimento de carências materiais e espirituais.

Nos rituais das Irmandades de Penitentes do Cariri cearense movimentos e instrumentos simbólicos também refletem o encontro entre práticas recomendadas pelo clero católico e outras vistas com certa desconfiança ou mesmo rejeitadas com veemência pela ortodoxia.

Às orações tradicionais do Catolicismo institucionalizado são acrescidas outras com histórico de difícil mapeamento; gestos como o sinal-da-cruz convivem com movimentos corporais de mortificação; a própria cruz estampada nas indumentárias rituais dos penitentes de Barbalha (Sítio Cabeceiras e Sítio Lagoa), presente nos gestos das rezadeiras dançarinas das Rodas de São Gonçalo dialogam com os galhos de plantas utilizados nas benzeções das ditas rezadeiras. Evidências de resistências “às representações dogmáticas” e ao processo de “desapropriação dos bens religiosos de salvação, que desde o processo de romanização iniciado na segunda metade do século XIX, procura basicamente destituir os leigos de seu poder religioso”, segundo CARVALHO (2011, p. 36).

Nesse constante processo de re-apropriação e re-invenção, as Irmandades de Penitentes do Cariri cearense elegem, além das práticas, símbolos e espaços sagrados, sujeitos e mitos capazes de legitimar para si e para os outros a existência presente dos grupos em questão. Assim, Juazeiro do Norte é a Nova Jerusalém para os *Aves de Jesus*, especialmente; Para a Irmandade da Cruz, foi o Padre Ibiapina (1806-1883) quem recebeu do Papa, em Roma, a ordem de instituir o grupo com sede no Sítio Cabeceiras em Barbalha; Padre Cícero Romão Batista (1844-1934) é o “Pai do céu e da terra” para os *Aves de Jesus* e ao lado de Madrinha Dodô exerce influência especial sobre os Penitentes da Dança de São Gonçalo. E, assim figuras representativas do clero vão tendo suas histórias recontadas a partir dos anseios e vivências cotidianas dos penitentes do Cariri cearense ao lado de narrativas de/sobre leigos que têm suas trajetórias de vida e morte ligadas à existência das Irmandades pesquisadas.



Outra interessante perspectiva na trajetória de resistência das Irmandades de Penitentes “à matriz originária” de suas crenças e práticas dá-se na dinâmica re-apropriação de discursos escritos e de sua transmissão através dos recursos da memória/oralidade permeada de novos significados. A *Bíblia*, a *Missão Abreviada* e a *Machadinha de Noéⁱⁱ* são de fundamental importância para a construção das “estruturas religiosas” e memoriais das Irmandades de Penitentes do Cariri cearense e serão discutidas adiante quando refletirmos sobre as disputas mnemônicas de/sobre os grupos de leigos em questão.

Diferenças e homologias, campos e resistências, catolicismos e a inventividade leiga, fé e mística pelo olhar da Sociologia.

A PENITÊNCIA E SEU *ETHOS* NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE UM LUGAR

A antropóloga Roberta Bivar Carneiro Campos tem dedicada parte significativa da sua trajetória acadêmica a pesquisas sobre os penitentes do Cariri cearense, em especial aos *Aves de Jesus* de Juazeiro do Norte. A reflexão que segue foi estabelecida a partir do seu texto *Como Juazeiro do Norte se tornou a Terra da Mãe de Deus: penitência, ethos de misericórdia e identidade do lugar* publicado em 2008.

Para a pesquisadora, a prática da penitência e o *ethos* a ela relacionado (sofrimento, piedade e misericórdia) trazidos pelos primeiros missionários passaram por um processo de *enraizamento* e tornaram-se um elemento constituinte da identidade do lugar. Em Juazeiro, uma forma de viver pautada na piedade e na misericórdia identifica o município e suas qualidades.

Nesse sentido, os *Aves de Jesus*, Irmandade de Penitentes formada por moradores de ambos os sexos do Bairro Tiradentes, sugerem a autora uma “pista interpretativa” indicadora de vínculos entre a fundação daquele município e a experiência religiosa ali vivenciada expressa de forma significativa na prática da penitência (CAMPOS, 2008, p. 153).

Assim, fica estabelecido contato com o argumento fundamental da autora no texto objeto dessa reflexão.

A etnografia do grupo em questão revelou como a combinação entre os deslocamentos (no sentido geográfico do termo) e a fixação (territorialização da tradição religiosa) foi de fundamental importância no processo de construção da identidade local. Aspectos de caráter simbólico e mais nitidamente espaciais dialogam no seu estudo.

Dessa forma, se por um lado, ocorre a sacralização de Juazeiro do Norte, por outro lado e em sentido dialógico pode ser notado que peregrinos/romeiros optam por fixar



residência na *Terra da Mãe de Deus*. Mestre José, líder dos *Aves de Jesus*, é também um romeiro que em meados da década de 1970 passa a residir naquele município depois que o Padre Cícero “colocou em seu coração a vontade de peregrinar para Juazeiro do Norte” (CARVALHO, 2011, p. 44).

Uma vez fixando residência em Juazeiro do Norte e com a organização dos *Aves de Jesus* o lugar passa a ser experimentado como um espaço no qual os eventos bíblicos tiveram o seu desenrolar – para outros penitentes dá-se o mesmo. A cosmologia do grupo admite que as marcas da existência de Jesus e de Nossa Senhora (pegadas, lugares onde ajoelhados rezavam) são encontradas facilmente nas ladeiras do Horto onde está localizada a estátua do Padre Cícero e o Rio Salgadinho que corta a cidade é certamente o Rio Jordão onde Jesus foi batizado, segundo o relato bíblico. Além do mais, Jesus e Maria assumiram novas formas corpóreas em personagens de trajetórias vividas em Juazeiro do Norte: Padre Cícero é o “Pai do céu e da terra: Jesus” e Nossa Senhora é a penitente/mendicante Mãe Ângela do Horto.

Peregrinando e vivendo da mendicância pelas ruas e ladeiras de Juazeiro do Norte os *Aves de Jesus* cartografam a Nova Jerusalém do Cariri cearense. Não é difícil admitir que com a corporificação dos personagens bíblicos Jesus e Maria, conforme dito acima, os objetos e espaços experimentados por Padre Cícero e Mãe Ângela do Horto sejam de maneira igual facilmente tidos por sagrados. Podemos inferir ainda que a própria temporalidade dos *Aves de Jesus* é outra distinta daquela impressa no Ocidente pelo calendário gregoriano; trata-se de experimentar o tempo “de uma maneira transcendental, uma maneira, de certa forma, também desterritorializada” (CAMPOS, 2008, p. 171).

As vivências e experiências dos *Aves de Jesus*, de certa forma “expresso material e afetivamente” na paisagem de Juazeiro do Norte, são reveladas também pelo olhar atento ao que nos fala os seus corpos. Viver uma temporalidade “desterritorializada, transcendental”, implica, para os *Aves de Jesus*, em abdicar de relações sexuais mesmo dentro do casamento, em vestir-se de forma padronizada nas cores azul e branca (segundo Mestre José representativas do firmamento e das nuvens, comunhão com o próximo, paz e amor, das dores de Nossa Senhora), em não manter hábitos de higiene segundo preceitos contemporâneos, em adotar barbas e cabelos compridos para os homens e cabelos sempre cobertos com véus para as mulheres e em sobreviver da mendicância itinerante. Como afirma Mestre José, “Porque Jesus foi um desprezado. Quando ele andou 33 anos, ele não achou onde inclinar a cabeça” (CARVALHO, 2011, p. 60).

Além desses aspectos, existe um ritual mencionado como “batismo na cruz”. Quando da decisão de ingressar na Irmandade, documentos oficiais devem ser destruídos em fogo



(elemento simbólico associado à purificação) e os penitentes recebem nomes idênticos: José Ave de Jesus, para os homens, e Maria Ave de Jesus, para as mulheres (CAMPOS, 2008, p. 158). A diferenciação entre os membros dá-se através de um número impresso nas bandeiras que até a morte do Mestre José (o nº 1) carregavam durante os seus rituais. O número identificava também a hierarquia dentro do grupo.

Entretanto, Juazeiro do Norte ainda convive com outras Irmandades de Penitentes como revelado acima através das pesquisas de CARVALHO (2011). Para CAMPOS (2008), a *Terra da Mãe de Deus* possui, transitando nas suas ruas e arredores, indivíduos que conservam a prática da penitência mesmo sem admitirem a pertença a nenhum tipo de grupo específico. Para a antropóloga, esse fenômeno pode ser explicado através da trajetória da experiência penitencial no município.

Após a morte de líderes cujas existências são sempre referidas nas narrativas dos penitentes e que em vida mantinham relativo controle sobre os grupos (Padre Ibiapina, Pe. Cícero, Beato José Lourenço, Madrinha Dodô, Mestre José Ave de Jesus, Mestre Joaquim Pedro da Silva), os penitentes ganham liberdade de criar e divulgar suas “invenções” (cosmologias, vestimentas, rituais etc.).

Assim, CAMPOS (2008) entende Juazeiro do Norte como um espaço diferente dos demais centros religiosos do Brasil como também distintas são as peregrinações que para lá são dirigidas com regularidade, principalmente entre os dias 02 de novembro (Romaria de Finados) e 02 de fevereiro (Romaria de N. Senhora das Candeias).

Em relação a Juazeiro do Norte, as diferenças são visíveis por tratar-se de um espaço no qual disputas hegemônicas perdem visibilidade em face da justaposição dos discursos e igualmente porque

para além de toda essa heterogeneidade, de alguma forma, parece haver uma convergência de imagens da misericórdia, da penitência, dos penitentes, beatos como expressão e representação do lugar – parecendo bastante plausível, aqui nesta escrita etnográfica, entender a penitência e as imagens de sofrimento, misericórdia e piedade como *keysymbols*ⁱⁱⁱ...(CAMPOS, 2008, p. 169-170)

A experiência romeira dos *romeiros da Mãe das Dores e do Padim Ciço* fazem de Juazeiro do Norte a *Terra da Misericórdia*. Com os penitentes que cartografam os espaços sagrados da cidade, *deslocamentos* passam a ser compreendidos para além do significado geográfico do termo; “passando a incluir ao lado do espacial, outras formas de deslocamentos – corporificados (*embodied*), imaginados e metafóricos” (CAMPOS, 2008, p. 147).



Deslocamento (em seus múltiplos sentidos) e fixação; enraizamento e invenção; penitência e identidade do lugar pelo olhar da Antropologia. Mesmo sem serem aceitos com bons olhos por todos moradores e visitantes de Juazeiro do Norte, admite-se que os penitentes e suas experiências com o sagrado dizem sempre algo sobre a *Terra de Mãe de Deus e da Misericórdia*.

AS IRMANDADES DE PENITENTES DO CARIRI CEARENSE COMO CAMPO DE CONSTRUÇÃO E DISPUTAS MNEMÔNICAS

Circulam relatos escritos e narrativas orais sobre os penitentes do Cariri cearense desde que as primeiras irmandades foram instituídas no sul do Ceará em meados do Século XIX. Romances, jornais, relatos de viajantes e a historiografia local repercutem em suas páginas impressões sobre a prática da penitência em terras caririenses com notáveis aproximações entre si. Euclides da Cunha, João Brígido, Freire Alemão, Irineu Pinheiro, J. de Figueiredo Filho são alguns dos escritores que emprestaram seus talentos para fazer conhecidos em textos alguns sujeitos e suas práticas penitenciais. Apenas muito recentemente (leia-se últimas décadas do século XX) é que os penitentes do Cariri revelaram à comunidade acadêmica, através de suas narrativas orais, as experiências religiosas que partilham e as interpretações que produzem do mundo natural e de um outro, inatingível sem fé. A historiadora Cícera Patrícia Alcântara Bezerra reflete sobre algumas construções e disputas mnemônicas de/sobre a prática da penitência no Cariri cearense na dissertação de mestrado *OUTRAS HISTÓRIAS: Memórias e narrativas da Irmandade da Cruz – Barbalha/CE*.

As construções e disputas mnemônicas de/sobre a prática penitencial e algumas irmandades de penitentes do Cariri cearense são estudadas por BEZERRA (2010) a partir de alguns vínculos com a construção da memorial oficial (POLLAK, 1989) da própria região sul cearense e com *deslocamentos* nas políticas de valorização do patrimônio cultural no município de Barbalha, no Estado do Ceará, no Brasil e em caráter internacional.

O século XIX viu surgir um processo de construção de uma identidade caririense pautada em uma suposta “pureza cultural” e na atuação de seus “heróis” em acontecimentos históricos de repercussão nacional. O Crato, nos relatos de João Brígido, Irineu Pinheiro e J. de Figueiredo Filho, assume a vanguarda do Cariri cearense no processo civilizatório regional. Com os fatos extraordinários de 1889 ocorridos em *Joazeiro* (“lugar de fanáticos”) (DELLA CAVA, 1976), a comunidade intelectual cratense exacerba os seus discursos em prol do Crato como “Cidade da Cultura” (CORTEZ, 2000). Nesse sentido, o projeto em questão e

a concepção histórica que o envolvia apontava para “a necessidade de criar uma consciência coletiva a respeito de um passado pretensamente unívoco a ser legitimado” anunciado em *Apontamentos para a historia do Cariri* de João Brígido publicado em 1888 (BEZERRA, 2010, p. 45).

Em 1953, com a fundação do Instituto Cultural do Cariri (ICC) os intelectuais do Crato deram continuidade à produção histórica de/sobre o Cariri cearense a partir da eleição de lugares de memória e de esquecimento regionais, segundo a autora de *OUTRAS HISTÓRIAS: Memórias e narrativas da Irmandade da Cruz – Barbalha/CE*. Os relatos dos viajantes e os jornais do século anterior são eleitos como fontes de extraordinária relevância para a escrita da história caririense, muito embora encontremos nos seus escritos outras sensibilidades dos autores (táteis, auditivas, memoriais, visuais etc.) alimentando tal produção historiográfica. PINHEIRO (2010) serve de confirmação para a afirmação acima.

Os penitentes, depreciados pelos jornais e em *Os Sertões* de Euclides da Cunha, fazem parte da lista de elementos que precisam ser esquecidos porque representantes de uma irracionalidade religiosa não condizente com a civilização que o Cariri deve abraçar a partir da vanguarda intelectual cratense. Afinal,

“A heróica, fascinante, civilizadora, mas cheia de contrastes múltiplos” península ibérica, teria trazido os rituais de expurgação para as terras brasileiras. É o que nos fala J. de Figueiredo Filho. Para ele, os últimos remanescentes dessas práticas no Cariri cearense se encontravam, na década de cinquenta do século XX, nas cidades de Brejo Santo, Jardim e Missão Velha, e estes, estavam condenados ao rápido desaparecimento. (BEZERRA, 2010, p. 58)

Se nas páginas de *O Araripe*^{iv} e em *Os Sertões* ritos penitenciais e seus praticantes são considerados símbolos de fanatismo e falsa religião, na construção da memória oficial (POLLAK, 1989) sobre a prática da penitência no Cariri cearense e nas narrativas orais dos membros da Irmandade da Cruz (Barbalha-CE) membros do clero católico ocupam lugar de destaque. O Pe. Ibiapina (1806-1883) é considerado pelos irmãos da Cruz barbalhenses o fundador das irmandades caririenses, obedecendo ordem direta do Papa, ao mesmo tempo os intelectuais do ICC têm no sacerdote um símbolo de progresso e civilização pelos esforços em construir barragens, açudes, cemitérios, igrejas e as Casas de Caridade para crianças órfãs e viúvas. Se em um aspecto Pe. Ibiapina estabeleceu em suas missões o *Tribunal da Penitência* e incentivava os rituais de autoflagelo (NOBRE, 2011), por outro lado tornou-se patrono da primeira cadeira de letras do ICC. Em contrapartida, Padre Manoel Félix de Moura, diretor da Sociedade de Penitentes do Crato em 1850 (DELLA CAVA, 1976, p. 38-39) tem sua imagem

vinculada aos *Serenos*, detestáveis aos olhos de Euclides da Cunha, e aos rituais de autoflagelo cujo fim estava bem próximo de acordo com o anúncio de J. de Figueiredo Filho (BEZERRA, 2010, p. 46).

Nessa rede de construções mnemônicas, o mesmo sujeito tem a memória disputada por grupos discordantes e sujeitos com atuações convergentes em alguns pontos não ocupam os mesmos lugares nas memórias dos narradores/construtores. E, ainda, alguns aspectos dos “heróis” precisam ser esquecidos ou não-ditos para que sua memória possa servir como instrumento de legitimação dos projetos em fase de elaboração.

BEZERRA (2010) elege a década de 1970 como “lugar de trânsito” para as construções mnemônicas da Irmandade da Cruz do Sítio Cabeceiras de Barbalha-CE. A notoriedade do grupo abriu caminho para que outras irmandades semelhantes passassem pelo mesmo processo de “valorização”. Se durante o processo de *romanização* do catolicismo brasileiro até meados do século XX clero e governos não viam com satisfação as Irmandades de Penitentes, a segunda metade dos anos 1900 assistiu a um *deslocamento* nas políticas públicas de patrimônio cultural e em alguns casos maior tolerância das autoridades eclesiais com os praticantes de ritos penitenciais.

Para os Irmãos da Cruz esse processo histórico resultou inicialmente na participação do grupo nas festividades do Pau da Bandeira de Santo Antônio, padroeiro de Barbalha, e na presença do Decurião (líder) da Irmandade no Desfile da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira do primeiro grupo do carnaval carioca em 2006. O mesmo Decurião, Sr. Joaquim Mulato de Souza (1920-2009), foi escolhido em 2004, pela Secretaria de Estado da Cultura. Mestre da Cultura Tradicional recebendo pensão vitalícia de um salário mínimo mensal.

Novas construções/disputas mnemônicas, inclusive internas ao grupo, surgem a partir dessas novas experiências espaciais vivenciadas pelos penitentes da Cruz. Se novos espaços e novos horários são experimentados por aqueles penitentes, eles mesmos e suas práticas ganham novas visibilidades/dizibilidades.

As narrativas orais dos membros da Irmandade da Cruz falam dos seus mitos fundadores, mas dizem também do processo recente da sua inserção em atividades culturais e religiosas oficiais do seu município e para além dos limites geográficos barbalhenses. Narram ainda a trajetória de vida e morte do Decurião Joaquim Mulato cuja memória segue em construção e sob disputas.

Da depreciação aos espaços públicos quase irrestritos; das veredas noturnas ao dia; do Sítio Cabeceiras à Sapucaí. A trajetória da penitência no Cariri cearense e da Irmandade da Cruz através das construções e disputas mnemônicas pelo olhar da História.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente, os olhares recentes sobre as irmandades de penitentes do Cariri cearense refletem o interesse de diversas disciplinas acadêmicas sobre a prática penitencial no sul do estado do Ceará. Os trabalhos abordados neste artigo revelam aproximações conceituais e metodológicas em claras abordagens transdisciplinares. Nesse sentido, a etnografia dos grupos pesquisados e as entrevistas como técnica de pesquisa estão presentes nos trabalhos da socióloga, da antropóloga e da historiadora.

Se os olhares acima mencionados refletem a ampliação do conceito de penitência e através deles conseguimos melhor visualizar os pontos convergentes entre as irmandades de penitentes do Cariri cearense como afirma CARVALHO (2011), se as pesquisas referidas contribuem também para melhor compreensão das identidades das irmandades estudadas através de descrições densas (GEERTZ, 1989), pode ser percebido que os estudos ainda privilegiam os municípios de Juazeiro do Norte e Barbalha, não obstante a presença de grupos de penitentes em diversos municípios caririenses. Exceção são as pesquisas desenvolvidas por SANTOS (2009) que referem aos penitentes da Santa Cruz da Rufina (Porteiras-CE) e aquelas que temos desenvolvido sobre a Irmandade de Penitentes da Vila de Genezaré (Assaré-CE).

Ainda pode ser verificado um “amplo exercício intertextual” ELMIR (2010, p.160). Nesse sentido, as narrativas dos penitentes são colocadas em diálogo com textos escritos (*Bíblia Sagrada, A Missão Abreviada, A Machadinha de Noé* etc.) e com recente filmografia sobre o Cariri cearense e seus penitentes.^v

Resta afirmar nossa pretensão de explorar mais enfaticamente em nossas pesquisas sobre a Irmandade de Nossa Senhora da Vila de Genezaré (Assaré-CE) o corpo como elemento através do qual/no qual as trajetórias individuais e coletivas do grupo são inscritas e as escolhas subjetivas que evidenciam algumas tensões internas a Irmandade objeto do nosso olhar influenciado pelos olhares aqui mencionados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEZERRA, Cícera Patrícia Alcântara. *Outras histórias: memórias e narrativas da irmandade da Cruz – Barbalha/CE*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2010. (Dissertação de Mestrado).
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- _____, *A economia das trocas simbólicas*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999
- CAMPOS, Roberta Bivar Carneiro. Como Juazeiro do Norte se tornou a Terra da Mãe de Deus: Penitência, *ethos* de misericórdia e identidade do lugar. In: *Religião e sociedade*. Rio de Janeiro. v. 28, n. 01. Jul 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-85872008000100008&script=sci_arttext> Acesso em 12 jun. 2010.
- CARVALHO, Anna Christina Farias de. *Sob o signo da fé e da mística: um estudo das irmandades de penitentes do Cariri cearense*. Fortaleza: IMEPH, 2011.
- DELLA CAVA, Ralph. *Milagre em Joazeiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976 (Estudos brasileiros, v. 13).
- ELMIR, Cláudio Pereira. Desafios metodológicos da literatura do testemunho para o trabalho do historiador. In: *Sobre as poéticas do dizer: pesquisas e reflexões em oralidade*.
- TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato; ZALLA, Jocelito; D'AJELLO, Luís Fernando Telles. (orgs.). São Paulo: Letra e Voz. 2010. p. 154-163.
- GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: _____ *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989. p. 3-21.
- NOBRE, Edianne dos Santos. Festas e práticas religiosas no Cariri cearense nos relatos de viagem (século XIX). Anais do III Encontro Nacional do GT História das religiões e das Religiosidades – ANPUH -Questões teórico-metodológicas no estudo das religiões e religiosidades. In: *Revista Brasileira de História das Religiões*. Maringá (PR) v. III, n.9, jan/2011. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>> Acesso em 20 abr. 2012
- PINHEIRO, Irineu. *O Cariri*. Fortaleza: Edições UFC. 2010.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silencia. *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.
- SANTOS, Cícero Joaquim dos. *No entremeio dos mundos: tessituras da morte da Rufina na tradição oral*. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2009. (Dissertação de Mestrado).
- SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2002.

Notas

ⁱ Sigla que faz referência aos três maiores municípios do Cariri cearense, macro-região localizada no sul do Estado do Ceará (Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha). Segundo CARVALHO (2011, p. 13), “A designação tem sua origem veiculada a criação do Estado Cariri Novo, preconizado em 1855 pelo jornal “O Araripe”, dirigido por João Brígido, e cuja capital seria denominada de Crajubar. Cf. VIEIRA, Pe. Antonio. *Roteiro lírico e místico sobre Juazeiro do Norte*. Fortaleza:Imprensa Oficial do Ceará, 1988. p.123.”

ⁱⁱ CARVALHO (2011) disserta sobre os referidos textos de caráter sagrado para os Penitentes do Cariri cearense especialmente no capítulo 1.

ⁱⁱⁱ A referência a *keysimbols* vem de ORTNER, Sherry. (1979), “On Key Symbols”. In: W. Lessa& E. Vogt (eds.). *Reader in Comparative Religion, an anthropological approach*. New York: Harper Collins.

^{iv} Periódico de tendência política liberal editado por João Brígido e que circulou no Cariri cearense durante a segunda metade do século XIX.

^v Trata-se especialmente da obra do filósofo de formação e cineasta Antônio Rosemberg de Moura (Rosemberg Cariry) e de Petrus Cariry discutida por BEZERRA (2010).